" As técnicas evoluem, mas a imaginação permanece"
(Gay Talese)

"Frank Sinatra, segurando um copo de Bourbon numa mão e um cigarro na outra, estava num canto escuro do balcão entre duas loiras atraentes, mas já um tanto passadas, que esperavam ouvir alguma palavra dele. Mas ele não dizia nada; passara boa parte da noite calado; só que agora, naquele clube particular em Beverly Hills, parecia ainda mais distante, fitando, através da fumaça e da meia luz, um largo salão depois do balcão, onde dezenas de jovens casais se espremiam em volta de pequenas mesas ou dançavam no meio da pista ao som trepidante do folk-rock que vinha do estéreo. As duas loiras sabiam, como também sabiam os quatro amigos de Sinatra que estavam por perto, que não era uma boa idéia forçar uma conversa com ele quando ele mergulhava num silêncio soturno, uma disposição nada rara em Sinatra naquela primeira semana de novembro, um mês antes de seu qüinquagésimo aniversário.

Sinatra estava fazendo um filme que agora o aborrecia e não via a hora de terminá-lo; estava cansado de toda a falação da Imprensa sobre seu namoro com Mia Farrow, então com 20 anos, que aliás não deu as caras naquela noite; estava furioso com um documentário da rede de televisão CBS sobre a vida dele, que ia ao ar dentro de duas semanas e que, segundo se dizia, invadia a sua privacidade e chegava a especular sobre suas ligações com os chefes da Máfia; estava preocupado com sua atuação num especial da NBC intitulado "Sinatra – um Homem e a sua Música", no qual ele teria de cantar 18 canções com uma voz que, naquela ocasião poucas noites antes do início das gravações, estava debilitada, dolorida e insegura. Sinatra estava doente. Padecia de uma doença tão comum que a maioria das pessoas a considera banal. Mas quando acontece com Sinatra, ela o mergulha num estado de angústia, de profunda depressão, pânico e até fúria. Frank Sinatra está resfriado.

Sinatra resfriado é Picasso, sem tinta, Ferrari sem combustível – só que pior. Porque um resfriado comum despoja Sinatra de uma jóia que não dá para por no seguro – a sua voz (...)".

Início do texto "Frank Sinatra está resfriado", de Gay Talese, considerado um dos perfis inesquecíveis da história do Jornalismo, escrito pelo autor, sem que tenha entrevistado o cantor.

Radical e chique. O *New Journalism*

O New Journalism nasceu para satisfazer uma necessidade que muitos jornalistas possuem: o sonho de escrever um grande romance. Nos Estados Unidos, no começo dos anos 60, existiam basicamente dois tipos de jornalistas. O primeiro tipo era responsável por conseguir os furos de reportagem; além deles, outra espécie de jornalista também habitava as redações: os "especialistas em reportagem".

Apuração: Camilla Amorim, Debora Andelinovic, Rafael Roldão e Thiago Loureiro
Texto final: Mariana Larcher •

A reportagem abrangia tudo relacionado a histórias de interesse humano.Também por isso, os temas da reportagem sempre proporcionavam uma maior liberdade na hora de escrevê-las. Mas a reportagem era vista como um gênero menor. Nos anos 50, o panorama literário norte-americano tornou-se propício ao surgimento de uma nova mística em torno do romance. Isto ajudou a aumentar a distância que havia entre os jornalistas e os romancistas, do ponto de vista literário. No começo dos anos 60, um novo conceito havia decidido invadir a reportagem. Esta descoberta tornava possível um jornalismo que fosse igual a um romance.

Em 1962, Gay Talese publicou na *Esquire* uma história sobre o lutador de boxe Joe Louis cujo título era "Joe Louis: o Rei como Homem de Meia Idade", que fugia totalmente dos padrões jornalísticos vigentes na época, assemelhando-se muito mais a um relato que a uma matéria jornalística propriamente dita. Isso devido ao uso de passagens explicativas, descrição de cenas e diálogos. Passava uma sensação de estranheza a quem lesse o artigo publicado sob a égide de "trabalho jornalístico", por conter informações normalmente dispensadas na redação de uma matéria de caráter informativo. Tom Wolfe fez a sua primeira incursão neste híbrido jornalístico-literário em 1963, com a publicação, na *Esquire*, de Aí vem (Vruum! Vruum!) Este Carrinho Bonitinho Aerodinâmico (Rahghhh!) Fluorescente (Thphhhhhh!) Fazendo a Curva (Brummm mmmmmmmmmmmm!). Era um artigo totalmente fora dos padrões de forma e conteúdo no jornalismo da época. Wolfe misturou rascunhos e esboços desleixados com erudição formal, usou conceitos da sociologia, epítetos e lamentos, tudo costurado de uma forma bastante tosca. Uma vez que os suplementos dominicais não tinham maiores pretensões, Wolfe sentiu-se tentado a fazer experimentos em seus artigos, aplicando recursos literários como a mudança do ponto de vista, o monólogo interior, citações literais de diálogos inteiros e caracterização de personagens, além da criação de novas funções para narradores até então seguidores de uma tradição de neutralidade dentro do Jornalismo. Estas são precisamente as principais características do *New Journalism* no tocante à escrita do texto.

"Eu não acho que tenha acabado esse tipo de Jornalismo no Brasil e no mundo"
Zuenir Ventura

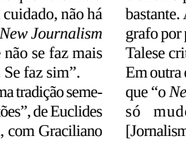
Naturalmente, este tipo de reportagem exigia um trabalho de coleta de dados muito mais intenso, minucioso e, por conseguinte, demorado do que se aplica normalmente. Os praticantes do *New Journalism* desenvolveram a particularidade de dispensar grande tempo para cobrir cada história, chegando a passar dias - e, em alguns casos, até mesmo semanas - com as pessoas sobre as quais escreviam.

O *New Journalism*, embora possa ser lido como ficção, não é ficção. É, ou deveria ser, tão verídico, como a mais exata das reportagens, buscando embora uma verdade mais ampla que a possível através da mera compilação de fatos comprováveis, o uso de citações, a adesão ao rígido estilo mais antigo.

Outra característica marcante nos textos do *New Journalism* é o uso de figuras de pontuação pouco convencionais no jornalismo, como reticências e exclamações, além de interjeições, onomatopéias e palavras sem sentido. Dessa forma, jornalismo literário é um termo que hoje serve para descrever todas as manifestações jornalístico-literárias percebidas ao longo da história, enquanto *New Journalism* refere-se apenas à geração de escritores e jornalistas norte-americanos dos anos 60, encabeçada por Wolfe, Talese, Breslin, Capote e Mailer, agora com o *status* de movimento literário. É curioso observar que, entre os autores incluídos sob essa denominação, a maioria rejeita o rótulo.

Na verdade é difícil precisar quem foi que batizou o gênero com esta expressão, que traduzida literalmente para o português transforma-se em *Novo Jornalismo*. Uma vez que era um formato inédito (e, portanto, novo) de se fazer textos de caráter jornalístico, chega a ser óbvio o seu emprego. As raízes do termo, contudo, parecem remontar a 1887, quando foi usado para descrever os escritos de W.T. Stead no Pall Mall Gazette. Em 1965, o *New Journalism* ainda era visto com maus olhos tanto por escritores quanto por jornalistas. Além de classificar o gênero com termos pejorativos como "forma bastarda e parajornalismo", as críticas atingiam não só autores como Wolfe, Schaap, Talese e Breslin, como também os periódicos que as publicavam, em especial a *Esquire*.

Somaram-se esforços para manter não legitimada esta nova forma de narrativa, o que funcionou relativamente sem problemas até o final de 1965, quando um romancista de vasta reputação que havia caído no esquecimento resolveu publicar em capítulos, na *The New Yorker*, a saga da vida e da morte de dois homens que assassinaram uma família de fazendeiros do Kansas. Tratava-se de Truman Capote e a sua mais famosa obra, "A Sangue Frio", publicada como livro. Pela primeira vez um escritor de renome flertava com a até então forma bastarda, o que não só conferiu ao gênero a legitimidade de que precisava como devolveu a Capote o prestígio que outrora teve, desta vez ainda mais pronunciado. Em 1966 surgem as primeiras manifestações de um ramo ainda mais extremo do *New Journalism*, no qual o repórter não se limita a relatar, permitindo-se participar ativamente da ação, o *Gonzo Jornalism*.



"O *New Journalism* pode ser inspiração para um Jornalismo mais criativo"
Matinas Suzuki

Um jornalista free-lancer do Kentucky, chamado Hunter S. Thompson, foi o criador e principal representante de uma modalidade de jornalismo literário denominada *Gonzo Journalism*. Gonzo vem do italiano *absurdo*, e propõe a transposição da barreira essencial que separa o jornalismo da ficção: o compromisso com a verdade. O gênero inventado por Thompson tem sua força baseada na desobediência de padrões e no desrespeito de normas estabelecidas, além da insistência em quatro grandes temas: sexo, drogas, esporte e política.

As técnicas desenvolvidas pelos autores do *New Journalism* não ficaram, contudo, restritas aos especialistas em reportagem dos Estados Unidos. Em 1966, no Brasil, a revista *Realidade* e o *Jornal da Tarde* abrigavam a maior parte da produção de textos com características do *New Journalism*. Marcos Faerman, Fernando Portela, Cláudio Bojunga e José Hamilton Ribeiro são alguns dos maiores expoentes do gênero na língua portuguesa.

"É um modismo estúpido. Não façam alarde dessa literatice boboca"
Pery Cotta

O jornalista Zuenir Ventura, autor de um livro sobre o líder seringueiro Chico Mendes, considerado uma espécie de *New Journalism*, aponta Fernando Moraes, Joel Silveira e Ruy Castro como legítimos representantes do estilo no Brasil. "Se a gente considerar esse Jornalismo como aquele que valoriza a qualidade do texto, do estilo mais bem cuidado, não há dúvida que eles são representantes do *New Journalism* no Brasil. Tem gente que diz que hoje não se faz mais reportagens como a de Chico Mendes. Se faz sim".

Apesar de a literatura brasileira ter uma tradição semelhante no tocante ao relato, com "Os Sertões", de Euclides da Cunha; e também ao realismo social, com Graciliano Ramos, o gênero teve uma existência efêmera no País. A curta sobrevivência do *New Journalism* no Brasil deu-se principalmente pela ausência de uma tradição de leitura de jornais e periódicos no País e pelas novas relações de trabalho nas redações, que exigem uma equipe cada vez mais enxuta e resultados cada vez mais rápidos.

O jornalista Matinas Suzuki, do conselho editorial da *Folha*, e um dos responsáveis pela coleção "Jornalismo Literário", explica a decisão da editora Companhia das Letras de reeditar alguns livros do *New Journalism*: "Ao ler os textos que, na maioria deles foram escritos há cerca de 50 anos, eu vi que eles ainda tinham muita vida, uma energia jornalística viva. Um outro aspecto é o momento que o Jornalismo está vivendo. Estamos vivendo uma fase aguda de crise do Jornalismo e nos pareceu interessante retomar os clássicos do Jornalismo em um momento de inquietação. Talvez uma volta ao que o Jornalismo produziu de bom no passado possa iluminar um pouco os caminhos do Jornalismo daqui para a frente.

O professor da FACHA Pery Cotta é um crítico do *New Journalism* e também do Jornalismo Investigativo. "Jornalista não investiga nada. Isto é tarefa de policial. E também não há forma ou fórmula de escrever notícia. Ser jornalista é, simplesmente, ser um operário da palavra. Palavra expressa corretamente e no exato conteúdo da informação". Segundo Pery, "há modismos estúpidos e bocalizantes como o culto frenético a certos indivíduos, meras pessoas famosas (de boa ou má fama) ou fabricadas nos bigbrothers da TV. E já havia, pelo menos desde a década de 60, a idéia distorcida de que jornalismo é um gênero literário, como se escrever para jornal fosse receita de bolo. Pois não bastasse tudo isto, passaram a dizer e ensinar que jornalismo é investigativo e que existe um novo jornalismo (*New Journalism*, na expressão colonizada). Duas outras imensas besteiras. Não façam alarde desta literatice boboca".

Em entrevista, concedida ao jornal *Folha de S. Paulo*, Gay Talese confessa usar as mesmas ferramentas de 50 anos atrás quando era um "foca". "Vou para as ruas, encontro com as pessoas sobre as quais quero escrever e circulo pelo ambiente em que elas vivem até saber o bastante. Aí escrevo, lustro e relustro cada frase, parágrafo por parágrafo". Com seu método "velha-guarda", Talese critica até o uso de gravadores pelos repórteres. Em outra entrevista concedida por *e-mail* ao *JB*, garante que "o *New Jornalism* não está morto nos dias de hoje; só mudou de nome. *Narrative Journalism* [JornalismoNarrativo] é o novo (e mais elegante) título".

• abrit@click21.com.br, debora. andelinovic@globo.com, mariana.larcher@terra.com.br, millafashion@ig.com.br, monique_tanzani@hotmail.com e rrold@pop.com.br

*" Não faço idéia de quem cunhou a expressão "*Novo Jornalismo*, nem de quando foi cunhada"*
(Tom Wolfe)

"(...) Já descrevi (...) as estranhas circunstâncias que me levaram a escrever meu primeiro artigo de revista - "Lá vai (Brrrum! Brrrum!) aquele aerodinâmico bebê (Rahghhh!) floco de tangerina cor de caramelo (Thphhhhhh!) virando a esquina (Brummmmmmmmmmmmmm)..." - na forma que pensei ser apenas um memorando para o editor da *Esquire*. Esse artigo não era de maneira alguma como um conto, apesar do uso de cenas e diálogo. Eu não estava pensando em nada disso. É difícil explicar como era esse artigo. Era um bazar de quintal, esse texto .... vinhetas, retalhos de erudição, trechos de memórias, breves explosões de sociologia, apóstrofes, epítetos, gemidos, risos, qualquer coisa que me viesse à cabeça, grande parte jogada de um jeito áspero e deselegante. Esse artigo me mostrou a possibilidade de existir algo "novo" no Jornalismo. O que me interessava não era simplesmente a descoberta da possibilidade de escrever não-ficção apurada com técnicas em geral associadas ao romance e ao conto. Era isso - e mais. Era a descoberta de que é possível na não ficção, no Jornalismo, usar qualquer recurso literário, dos dialogismos tradicionais do ensaio ao fluxo de consciência, e usar muitos tipos diferntes ao mesmo tempo, ou dentro de um espaço relativamente curto ... para excitar tanto intelectual como emocionalmente o leitor. Não estou apenas atirando flores sobre esse meu primeiro artigo, bem cuioso, se é que me entendem. Só estou contando o que ele me sugeriu.

Logo tive a oportunidade de explorar todas as possibilidades que podia imaginar. O *Herald Tribune* me deu as tarifas divididas, como se fosse um jogador utilitário de meio-de-campo. Dois dias por semana eu tinha que trabalhar na mesa local como repórter de assuntos gerais, como sempre. Nos outros três dias, eu tinha de produzir um texto de cerca de 1.500 palavras para o suplemento do *Herald Tribune*, que se chamava *New York*. Ao mesmo tempo, na trilha do sucesso de "Lá vai (Brrrum! Brrrum!) aquele aerodinâmico bebê (Rahghhh!) floco de tangerina cor de caramelo (Thphhhhhh!) virando a esquina (Brummmmmmmmmmmmmmm) ..., eu produzia também histórias para a *Esquire* (...)".

Trecho do texto "Como um romance", de Tom Wolfe, publicado no livro "Radical Chique e o Novo Jornalismo", da coleção "Jornalismo Literário".